

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FERNANDA MENDES FERREIRA

**MEMORIAL REFLEXIVO:
FREINET E A NATUREZA DA CRIANÇAS NA PERSPECTIVA DOS
INVARIANTES PEDAGÓGICOS**

Uberlândia
2021

FERNANDA MENDES FERREIRA

**FREINET E A NATUREZA DA CRIANÇAS NA PERSPECTIVA DOS
INVARIANTES PEDAGÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito final para
obtenção do título: Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Pastorello
Buim Arena

Uberlândia
2021

**FREINET E A NATUREZA DA CRIANÇAS NA PERSPECTIVA DOS
INVARIANTES PEDAGÓGICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito final para
obtenção do título: Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Adriana Pastorello
Buim Arena

Uberlândia, 11 de junho de 2021.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo estímulo, carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao dom da vida.

Agradeço, por conseguinte, aos meus pais, que me possibilitaram através do seu amor, dos seus cuidados, acolhimento e apoio, que eu crescesse e me desenvolvesse, durante as diferentes etapas da minha vida.

Agradeço a minha família, por tecerem uma rede de apoio, próxima e acolhedora, que me permitiu estabelecer relações de confiança e respeito, fora do meu âmbito doméstico.

Agradeço aos meus filhos, que me abastecem diariamente de alegria, de entusiasmo, de amor e de esperança, na possibilidade de transformar o mundo em um lugar melhor e mais bonito para todos.

Ademais, agradeço, a todas as pessoas com as quais cruzei e que cruzaram o meu caminho, das que fizeram ou ainda fazem parte da minha jornada de vida; pois todas, de alguma forma, me constituíram e me compõem ao longo do meu caminhar, e sou grata.

“Só será fecundo se tiverem possibilidade de confrontar as vossas experiências com os sucessos daqueles que estão empenhados nas mesmas vias. A criança aprende a falar em casa, porque confronta sem parar, intuitivamente, as suas próprias experiências com a linguagem modelo dos pais, porque sente a necessidade vital e natural de imitar. Não faria nenhum progresso se estivesse sozinho numa ilha deserta. Não fique, pois, na vossa ilha.” [...]. (Freinet 1977, p. 37-60)

RESUMO

Sempre a tempo, num constante e contínuo processo de conhecer e de aprender, tive a felicidade de trazer a consciência e apresentar a partir deste memorial reflexivo, os momentos mais significativos e marcantes da minha caminhada de formação; dentre os quais e, em muitos deles, estiveram presentes os princípios dos ideais e das práticas pedagógicas de Célestin Freinet (1896 - 1966), professor revolucionário, que durante sua vida e trabalho, defendeu a escola do povo e a educação voltada para a vida por meio do trabalho, nos alicerces dos princípios do incentivo à livre expressão, da cooperação, do tateamento experimental e do bom senso. Portanto, o presente trabalho tem por objetivo, demonstrar através da Pedagogia Freinet, de suas orientações técnicas, fundamentações e indicações metodológicas, e sobretudo, a partir dos seus princípios, os invariantes pedagógicos, que consideram a natureza da criança; que estes podem nos conduzir, orientar e auxiliar como educadores, à uma prática educativa ativa, nova e emancipatória.

Palavras-chave: Memorial reflexivo. Célestin Freinet. Invariantes Pedagógicos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. UM PERCURSO DE FORMAÇÃO

**3. FREINET E A NATUREZA DA CRIANÇAS NA PERSPECTIVA DOS
INVARIANTES PEDAGÓGICOS**

4. CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

Trazer à escrita, a materialidade e a narrativa das minhas próprias memórias, com o recorte da minha trajetória acadêmica, fez-se e levou-me de maneira importante e significativa, a compreender que, a partir das diferentes oportunidades e possibilidades, de chegar a desenvolvermos estas, e não outras, habilidades e vivências, as quais nos conduzirão a traçar caminhos diversos, a partir das concepções e das práticas que nos foram dispostas ou mesmo, incumbidas, durante este processo; e que portanto, permearão todo o nosso caminhar, e por conseguinte o nosso fazer, quer seja pessoal ou profissional; é certo que desejaríamos que estas fossem concebidas a partir de uma perspectiva natural, através do respeito, da liberdade e da livre expressão de cada indivíduo.

Este trabalho resulta, portanto, na construção de um memorial reflexivo com foco na minha formação acadêmica; através do qual, algumas memórias tiveram que ser rememoradas com mais tempo e afincado, ao passo que outras me retornaram com uma facilidade que eu ainda não havia tido a oportunidade de reviver.

Seguindo os passos de uma narrativa autobiográfica, o memorial “é um texto em que o autor relata a própria história de vida, evidenciando fatos que considera mais relevantes no decorrer de sua existência.” (SOUZA, CABRAL, 2015, p. 153). O faço, pois, de maneira aprofundada e estabelecendo uma inter-relação entre as minhas vivências no contexto educacional, com as práticas pedagógicas de Célestin Freinet, que há muito estão postas, e seguem sendo atuais, modernas e necessárias.

Portanto, e a começar pela pessoa de Célestin Freinet, nascido em 15 de outubro de 1896, num pequeno vilarejo no sul da França, chamado Gars, passou toda a sua infância com a família, na lida da vida e do trabalho no campo. Estudou na Escola Normal de Nice, e em 1915, aos 19 anos teve de interromper seus estudos, por ter sido incorporado às tropas da Primeira Guerra Mundial. Um ano depois, e tendo tido uma lesão grave no pulmão, levando a ser considerado um inválido de guerra, e se recuperando anos depois; ainda estaria condicionado fisicamente às sequelas da guerra, com pouca intensidade na sua voz. Em 1920, por vontade própria, é incorporado como professor adjunto numa escola rural, num vilarejo dos Alpes franceses, iniciando o seu trabalho como educador. Inserido nos moldes tradicionais da escola, e ainda com pouca experiência pedagógica, Freinet dá-se por questionar a prática escolar imposta, e começa a desenvolver e pôr em prática alguns dos seus ideais, como a aula passeio, o livro da vida, a correspondência interescolar, e a prensa escolar.

Insatisfeito e visionário, após anos de preparação e experiência profissional, debruçado sobre diferentes leituras, estudos, participando de importantes eventos políticos e pedagógicos, junto à aproximação das propostas de outros autores da chamada Escola Ativa e Nova, ao passo de também estar filiado ao partido comunista francês; funda em 1926 a Cooperativa de Ensino Laica, pela qual pretendia estender a outros professores a técnica da imprensa na escola. Outro importante acontecimento neste período, é o seu casamento com Élise Lagier, também professora, e que viria a ser sua assistente e colaboradora, em sua vida, seu trabalho e mesmo após sua morte.

Já conhecido a nível nacional e internacional, e considerado “um professor do povo, daí sua grande contribuição: a expressão pedagogia popular.” (IBERNÓM, 2012, p. 20) Funda em 1935 a escola de Vence, destinada ao desenvolvimento dos filhos da população pobre e menos abastada, e sobre tudo, destinada à emancipação do povo. Considerado imprudente, por sua militância popular e pelo desejo de transformar a educação, a escola, e por conseguinte a sociedade, é internado em 1939 em um campo de concentração. Anos depois, já em liberdade, tendo escrito algumas de suas obras neste campo, repensado e aprofundado em sua obra pedagógica, e sido expulso do partido comunista francês, em 1947 transforma a Cooperativa de Ensino Laica, em Instituto Cooperativo da Escola Moderna, num movimento de difundir a outros professores e ao mundo, suas técnicas democráticas e vanguardistas.

Em 8 de outubro de 1966 em Vence, Freinet veio a falecer, deixando um legado imprescindível ao longo de sua vida e obras, as quais seguem vívidas como referenciais e guias, nos campos da educação e da escola, que ainda permanecem distópicas e ultrapassadas nos dias atuais.

Como ainda hoje, é comumente admitido o uso de noções e de práticas pedagógicas que não tem como princípios básicos e estruturantes, o respeito a criança e à sua natureza, chego, aos Invariantes Pedagógicos de Célestin Freinet.

Os invariantes tratam-se de princípios que considerados a partir de “um certo número de noções e de práticas psicológicas, pedagógicas, técnicas e sociais” (1969, p. 2), estabelecem um parâmetro, bem como “uma nova gama de valores escolares”, que predispostos pela “busca da verdade, à luz da experiência e do bom senso” (1969, p. 2), estabelecem uma “espécie de Código Pedagógico” (1969, p. 3) que nos orienta e nos conduz à prática pedagógica que mais se aproxima do que é inatacável e seguro. No texto Invariantes Pedagógicos, Freinet (1969, p. 3) nomeia a partir da noção de invariância, sendo “tudo o que não varia e não pode variar”, estruturando-os como técnicas essenciais ao trabalho escolar de nós como educadores.

Os invariantes, organizados em três grupos, irão constituir-se em princípios norteadores da educação, com base sólida e indicações metodológicas, propondo o uso dos sinais verde, amarelo e vermelho com orientações técnicas e como códigos pedagógicos que orientarão os educadores em suas práticas pedagógicas.

Para tanto, com o enfoque no grupo 1: Sobre a natureza da criança, demonstro no desenvolvimento desta investigação e através de pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, como a partir dos invariantes n.º 1, n.º 2 e n.º 3, que partem dos fundamentos que consideram a criança em sua essência, o educar com respeito e dignidade à estas e a saúde infantil, revelam-se essenciais para que aprendam e se desenvolvam na sua integralidade.

2. UM PERCURSO DE FORMAÇÃO

Compor com detalhes e profundidade as memórias da minha infância já não é das coisas mais fáceis para eu fazer, e quando estas dizem respeito ao período pré-escolar e escolar, as dificuldades para recordar esses momentos aumentam.

O início da minha vida fora do âmbito de casa, ocorreu aproximadamente aos seis meses de vida, quando comecei a frequentar o Centro de Formação Lar Espírita Alfredo Júlio, localizado e em funcionamento até hoje na rua: Araxá, 213 no bairro Osvaldo Rezende em Uberlândia/MG; no qual estive exclusivamente até os sete anos e onde permaneci até completar meus 13 anos de idade.

O Centro é uma instituição Socioassistencial Não Governamental e que até então oferecia ensino regular com creche e pré-escola de período integral. É neste espaço e período que resgato minhas principais memórias e consigo estabelecer relações afetivas e concretas.

Sendo o meu primeiro lugar, fora do ambiente doméstico da minha casa, nele aprendi a conviver, a ter autonomia, a respeitar, a brincar, a pintar, a cantar, a dançar, foi onde cresci e me desenvolvi.

O trabalho com as crianças era dividido conforme a idade; assim, à medida que fui crescendo, fui ocupando estes diferentes espaços e as atividades também foram se diversificando.

Então, provavelmente a partir dos meus seis anos, quando já consigo estabelecer lembranças mais concretas; tínhamos aula de artesanato, onde confeccionávamos tapetes de retalhos no tear de pregos. Numa atividade que incluía participar no auxílio da confecção da estrutura de madeira, com pregos e linhas, e também realizar outros diversos trabalhos com macramê: pulseiras, tapetes, enfeites.

E é aqui, que a princípio, reflito sobre um dos principais e estruturantes fundamentos presentes na pedagogia de Freinet, ao que se refere a educação do trabalho, o qual nos conta ser (...) “o trabalho que anima, que é o motor da vida e da infância e uma fonte de dinamismo individual e social.” (...) (FREINET apud IMBERNÓN, 2012, p.74)

Tínhamos também “aula” de culinária, um dos momentos dos quais eu mais gostava e aguardava, no qual poderíamos colocar os aventais e as toucas e preparar junto com as “tias” da cozinha alguma refeição, sobremesa ou lanche que seria servido no dia. Lembro-me inclusive, de ter feito meu primeiro e único rocambole de doce; e também, de ocupar aquele espaço, não por obrigação ou mesmo como aluna, mas como parte integrante e pertencente

aquele espaço, através do qual éramos orientados, mas tínhamos a partir da cooperação, a autonomia de poder fazer e de aprender na prática.

Havia também um grande espaço de terra, como um quintal, no qual haviam árvores frutíferas, como pé de manga e outros, e um grande banco no qual nos sentávamos debaixo da sombra e ali surgiam vários diálogos e brincadeiras. Não sei ao certo, se esse espaço estava vinculado à alguma atividade específica; mais tínhamos rotineiramente acesso a ele, e era um momento muito prazeroso.

Também havia uma sala, onde realizávamos os trabalhos de expressão livre, apresentações de teatro, pintura, confecção de objetos e reutilização de materiais reciclados. Tive ainda por um período, aulas de informática e praticávamos diferentes esportes.

Dentro deste contexto e no exercício de todas estas atividades, há justamente e essencialmente a concepção trazida por Freinet, que concebe a escola como um espaço que “deve permitir que a criança experimente ferramentas e técnicas de trabalho. Para ele, o trabalho da criança não é aquele imposto pelo adulto, mas as atividades que respondem às suas necessidades e satisfazem seu desejo de curiosidade, crescimento e conquista.” (IMBERNÓN, 2012, p.74). Ademais, é dizer, que “não se alcança a formação dos alunos com explicações e demonstrações, mas pela ação e pelo tateamento experimental.” (FREINET apud IMBERNÓN, 2012, p.85).

Por ser um lar espírita, fazíamos regularmente a leitura do evangelho e também orações católicas. Acredito que por isso tenha desenvolvido o respeito e a tolerância religiosa que carrego até hoje.

Fazíamos também muitos passeios. Certa vez, visitamos um lar de idosos; experiência que me foi muito marcante. Por ser um lugar próximo, lembro de termos ido caminhando, e isto por si só, já teria sido o suficiente, por ter sido uma experiência agradável de caminhar pelas ruas junto dos professores e dos colegas; mais ter estado na presença daqueles receptivos, amáveis e sábios velhinhos, despertou em mim muita compaixão e empatia.

Já maior, a ida ao clube era um dos passeios mais aguardados do ano. Com a exigência de que estivéssemos matriculados e regulares na escola e com notas na média no boletim, tudo devidamente comprovado. A verdade é que aguardar a chegada dos ônibus que nos levaria, todo o trajeto cantarolando e saudando da janela as pessoas pela rua, era também muito divertido e tornava todo aquele contexto ainda mais especial.

É interessante pensar que as minhas maiores e mais marcantes lembranças estão e vem deste lugar. Inclusive, é apenas deste período que guardo vagas imagens e lembranças de

algumas professoras, em especial uma diretora; da qual me recorro pela sua amabilidade e firmeza, carrego dela uma representação de mulher forte, responsável e carinhosa.

Quando aos treze anos completei a idade máxima e já não poderia continuar frequentando o Centro, foi muito pesaroso para mim, que gostava tanto daquele lugar e no qual havia vivido grande parte da minha infância.

Assim e em determinado momento, junto e no decorrer deste contexto acima relatado, iniciei a educação obrigatória aos sete anos, no Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º ao 4º ano) na Escola Estadual José Zacarias Junqueira; localizada na rua Francisco Sales, 1277, no bairro Daniel Fonseca em Uberlândia/MG.

Recordo-me desta, do seu espaço físico; da obrigatoriedade de iniciarmos o dia de aulas no pátio, enfileirados e separados por turma e cantar o hino nacional. Lembro-me também de certa vez, ter decorado a tabuada de multiplicação do seis, para concorrer a chocolates, os quais o ganhei, mas que ao final não havia aprendido a tabuada. Situação que em partes, exemplifica e evidencia segundo Freinet, “a dificuldade em substituir o trabalho escolástico por atividades motivadoras que são a razão de ser de nossa pedagogia”. (IMBERNÓN, 2012, p. 67).

De tal forma, que não tenho lembranças negativas desta escola ou mesmo deste período; mais também não guardo lembranças de professores ou mesmo recordações que me tenham sido marcantes ou inesquecíveis.

Contudo, é neste período de transição, que se abre um espaço entre as melhores e as mais significativas lembranças vivenciadas no Centro; dos poucos registros de memória que tenho do ensino fundamental e do ensino médio, ambos períodos que não me deixaram grandes marcas ou recordações. Passando de um estágio para outro, a partir das características próprias de um primeiro ambiente marcado pelas mais ricas vivências, ao outro, marcado por atividades, regras e deveres, que descontextualizados da objetividade da vida, são também e tão característicos da escola tradicional.

Assim, e em seguida, o primeiro ano do ensino médio cursei na Escola Estadual Ângela Teixeira da Silva; localizada na rua: Lambari, 385, no bairro Daniel Fonseca em Uberlândia/MG. Deste período, o qual também não guardo grandes lembranças nem mesmo de professores marcantes.

Sendo considerada boa aluna durante todo o ensino fundamental e médio; em grande parte porque eu obtinha notas na média, não era indisciplinada e realizava todas as atividades propostas; no entanto, neste período, não sentia prazer de ir à escola ou mesmo motivação para a realização dos estudos.

Aos 15 anos fui morar na Espanha, com minha tia/madrinha, irmã do meu pai, que já residia no país há mais de 10 anos. Com o visto de estudante e muitos anseios que as novidades e o desconhecido nos trazem, embarquei destemida nesta nova etapa da minha vida.

Ao realizar minha matrícula na escola pública, tive que adaptar meu currículo escolar as validações e modalidades de ensino do país; então, ao invés dar continuidade e cursar o 2º ano do ensino médio, se estivesse no Brasil, tive que cursar o então chamado “4º ESO (*Educación Secundaria Obligatoria*)”. “Essa etapa vai dos doze aos dezesseis anos de idade e envolve quatro anos de estudos divididos em dois ciclos. No último ciclo, com duração de um ano, o aluno escolhe entre cursar o ensino acadêmico para iniciar o *bachillerato* (ensino médio) ou a *formación profesional de grado médio* (formação profissional de grau médio).”

Minha opção foi pelo bacharelado do ensino médio, que possuía as matérias comuns a todos e outras específicas de outras áreas à minha escolha, entre as quais optei pelas disciplinas de Humanas e Ciências Sociais; Filosofia, Línguas (Latim e Grego), Tecnologia da Informação e Comunicação e também Psicologia.

O primeiro ano foi de adaptação e aprendizado da língua espanhola, em comum acordo com a escola; considerando que eu ainda não falava o idioma, nem frequentava escola de línguas.

A princípio tive dificuldades de me adaptar, interagir e me enturmar com os colegas da classe; primeiro que por ser introvertida, me custa um pouco mais de tempo até que eu adquira confiança com o espaço e as pessoas, segundo porque os espanhóis no geral são reservados, um pouco receosos e não tendem a ser acolhedores no primeiro momento, e terceiro porque até então, me comunicava pouco em castelhano, entendia quase tudo, se falavam devagar – o que geralmente é difícil, porque costumam falar muito rápido; e eu acabava falando muito pouco, com receio de errar.

Das lembranças de professores, tenho do de Filosofia que foi o que mais me marcou, talvez pelo domínio e a facilidade com que dialogava pacientemente e interessadamente sobre a história e a vida, ou também por sua aparência física marcante que se assemelhava muito à Albert Einstein, com cabelo e barba desgrenhados, ou ainda, por ter ganho seu reconhecimento em uma das minhas avaliações, sempre se demonstrando acolhedor e empático.

Recordo também do meu fascínio pelas aulas de Psicologia; das interessantes descobertas a partir das etimologias das palavras nas aulas de Latim e Grego; do quão instigante era atuar, gravar e editar um curta metragem nas aulas de audiovisual. Inclusive da oportunidade inesquecível, organizada pela escola de uma viagem à Itália, conhecendo as cidades de Florença, Veneza e Roma.

E é aqui, a partir de uma aprendizagem mais vívida, com atividades de caráter mais ativo e participativo; onde eu finalmente resgato minha motivação, num modo mais significativo, e com o prazeroso interesse por aprender, dentro do próprio fazer. E é também, onde volto a vivenciar na prática, estas que são e que correspondem as técnicas e práticas educativas propostas e defendidas por Freinet; que segundo Imbernón (2012, p. 30): “devem desenvolver a criatividade e a ação das crianças que, por meio delas, devem opinar, discutir, manipular, trabalhar, pesquisar e criticar a realidade sob uma perspectiva de transformação social.”

Assim e no transcurso de dois anos, já falava fluente castelhano, havia me adaptado à escola, tinha feito amigos e era avaliada igualmente aos meus colegas, pelo meu desempenho. Ao passo que, no meu 3º ano na mesma escola e de acordo com a minha evolução, as exigências conseqüentemente aumentaram e minhas dificuldades também. Naquele momento, minhas dificuldades em relação aos conteúdos eram imensas, principalmente nas disciplinas de exatas, Matemática, Física e Química.

Portanto, situações como esta me trouxeram grandes frustrações, pois, por mais que eu acompanhasse e tentasse desempenhar as atividades, alguns conteúdos estavam muito aquém da minha base de conhecimentos teóricos e capacidades práticas para aquele momento. Nesta mesma época, lembro de não querer participar das aulas, advindo de sentimentos de vergonha, frustração e desânimo.

Ao final do ano letivo e após outras tentativas, como a escola comunicar e conversar com a minha madrinha sobre minhas dificuldades; eu não havia conseguido atingir a média das notas para ser aprovada e teria que refazer as disciplinas daquele ano. Por fim, decidi com o consentimento da minha madrinha não refazer e interromper temporariamente minha vida acadêmica.

Após três anos vivendo aí, tendo vivenciado uma etapa muito feliz da minha vida; mas já de volta ao Brasil há dois anos, vi a necessidade de finalmente concluir o 2º e o 3º ano do ensino médio, para adentrar no mercado de trabalho. Ao que em 2010 o conclui através do EJA, modalidade de Ensino de Jovens e Adultos.

Já no mercado de trabalho e na empresa onde trabalhei por oito anos, até o ano de 2020, adquiri muitos conhecimentos e experiências ao longo desta jornada corporativa e empresarial. E foi também durante este período, que constatei a necessidade de iniciar uma graduação; a princípio almejando novas oportunidades profissionais.

Neste percurso e já na busca pelos cursos de graduação, a Psicologia pela qual eu havia me fascinado anos antes, era uma das minhas primeiras opções, acompanhada da Pedagogia que também me despertava um grande interesse; e pela qual decido, por questões que envolviam

conciliar as demandas da maternidade, pois neste momento eu já era mãe de duas crianças pequenas, e também por questões como disponibilidade financeira e de tempo; e pelo qual o curso de Pedagogia na modalidade do ensino a distância fez-se a melhor e mais viável opção naquele momento.

Assim e na possibilidade de prestar o vestibular pela Universidade Federal de Uberlândia, vi na minha motivação algo muito além do objetivo inicial que era a possível promoção de carreira; a emergir daí um grande desejo pelo meu desenvolvimento pessoal.

Já no início do curso em 2018, desmistifico a suposição de facilidade de um curso de graduação na modalidade EAD; o qual exige um comprometimento individual muito grande, perseverança, pró atividade e uma busca autônoma e constante pelo próprio conhecimento.

Em contra partida, a flexibilidade que esta modalidade proporciona, contribuiu significativamente, para uma adequação as necessidades de conciliar outras responsabilidades da vida pessoal e profissional.

É, portanto, neste processo de conhecimento e aprofundamento teórico e também junto a minha prática na jornada da maternidade, que venho reafirmando o meu respeito e consideração à complexidade que é o desenvolvimento da criança e suas diferentes etapas. E que ademais, venho resignificando muitos conceitos pré concebidos e muitas crenças há muito enraizadas na nossa cultura, tanto no âmbito pessoal quanto no social ao que diz respeito à criança, a infância e a educação.

Neste sentido, o estudo da Pedagogia é este grande alicerce teórico, prático e crítico, que embasa e estrutura todos os métodos e os princípios do ensino e da educação, os quais correspondem sobretudo, e essencialmente ao apoio, ao cuidado e a atenção à criança e a infância.

Enfim, chego ao momento da escolha deste que viria a ser o tema central do meu trabalho de conclusão de curso; e a Pedagogia Freinet, que até então, era teoricamente desconhecida por mim, e acaba por felizmente se revelar presente nos momentos mais importantes e memoráveis do meu percurso acadêmico até aqui, e não obstante, vindo a tornar-se parte fundamental deste meu processo de formação profissional.

É, portanto, na base de seus fundamentos e de seus princípios, que defendidos por este grande ativista pela criança e pela infância, vanguardista no campo da educação e perseverante professor Célestin Freinet; que reverbera em mim um estímulo pela busca e pela continuidade de uma atuação docente, sobretudo, ancorada em valores éticos e humanos, dentro desta que pode vir a ser e a tornar-se a prática pedagógica docente.

3. FREINET E A NATUREZA DA CRIANÇAS NA PERSPECTIVA DOS INVARIANTES PEDAGÓGICOS

Um marco histórico que alicerça a educação brasileira aos valores de uma ideologia colonizadora e dominante, estruturada na moral e na disciplina, tendo sido herdada culturalmente de um legado que data a chegada dos portugueses e jesuítas ao nosso país em 1549, ainda hoje, está presente e podemos observar os resquícios de uma educação embasada num método tradicional de ensino, que para além de obsoleto tornou-se também ineficaz.

A escola nos dias atuais, segue permeada pela ideia consciente ou mesmo inconsciente que considera a criança uma tábula rasa e o professor segue sendo o detentor do poder, do conhecimento e da palavra.

O modelo de educação tradicional ao desconsiderar a criança como um ser único, que ao adentrar no ambiente escolar já traz consigo uma “bagagem” de vida social e cultural, que sendo este por si só um fator que já constitui sua natureza e subjetividade; é ainda um determinante que embasará todo o seu repertório de capacidades e pelo qual seu processo de aprendizagem se dará.

Neste formato, a educação tradicional impossibilita que o aluno assuma a responsabilidade, o protagonismo, até mesmo o prazer e o conseqüente interesse pelo seu processo de aprender. Na perspectiva do professor, este também se vê limitado dentro deste processo de ensino-aprendizagem, vez que os alicerces deste modelo não abrangem ferramentas como a observação, o diálogo e a escuta como um campo de saberes necessários e essenciais, dentro de um processo de mudança e transformação.

A justaposição a este modelo educacional, ocorre no âmbito de práticas pedagógicas que levam em consideração a criança como um ser integral, composto por dimensões físicas, mentais e espirituais; com base nos conhecimentos prévios que a compõe, dentro de uma organização familiar e social, na construção de vivências, de experiências e de saberes que a estruturam e a concebem através das suas próprias potencialidades.

Nesta perspectiva, Célestin Freinet há muito já embasava o seu fazer pedagógico durante todo o seu percurso de atuação e formação, como ativista em prol das crianças como seres livres, pensantes, capazes e em desenvolvimento.

Em 1964, Freinet publicara uma obra que contemplava e organizava técnicas e práticas pedagógicas através do seu trabalho e estudos como professor. Assim chamadas de Invariantes

Pedagógicos, suas técnicas objetivavam ser um guia orientador e prático para professores no exercício de sua atuação.

Dentro deste contexto, transpor as técnicas da pedagogia de Freinet, é dar vida a práticas pedagógicas de estímulo, de desenvolvimento, de humanização e sobretudo do deixar vir a ser as potencialidades individuais e inerentes de cada criança. Permitindo através do respeito, do acolhimento e da afetividade que um educador apto a observar, escutar e assegurar um desenvolvimento mais autônomo possível; possa ser orientado pelos diferentes tempos de aprendizado e pelo respeito às capacidades próprias de cada aluno.

Nesta contraposição, o papel do educador é o de possibilitar um ambiente propício e adequado, que forneça as condições necessárias e permita que os caminhos para a curiosidade, para a experimentação e para a descoberta, ocorram a partir da assimilação de conhecimentos e aprendizados que oportunizem o tateamento, a livre expressão, a cooperação e o trabalho. E que partindo do domínio de experiências, de conhecimentos práticos e úteis, estes possibilitem aos alunos usufruir dessas aprendizagens de forma autônoma e prazerosa; sendo possível articular o saber do espaço escolar a sua integração e abrangência com o espaço social, no âmbito doméstico, do trabalho e do lazer.

3.1 – Os Invariantes Pedagógicos de Freinet

Ao apresentar os invariantes pedagógicos, Freinet organizou-os na relação de seus aspectos e os subdividiu em três grupos, sendo: a natureza da criança, as reações da criança e, as técnicas educativas.

Para cada invariante foi estabelecido um parâmetro pelo qual o professor pudesse avaliar sua própria atuação e o seu posicionamento frente a cada uma delas. Para tanto, a designação através das cores verde, amarelo e vermelho as categorizam e resultam de um parâmetro que estabelece o quão adequadas ou não, têm sido a prática pedagógica e a atuação do educador.

Dentro deste código pedagógico, o fazer correspondente a cor verde, sinalizará que sua atuação está condizente com a invariante. Ou seja, “para essas ações, os educadores não devem apresentar receios, pois elas com certeza conduzem ao êxito.” (FREINET apud SAMPAIO, 1989, p.80).

Para as atuações categorizadas com a cor amarela, estão designadas as práticas educativas que sinalizam um desacordo com a invariante. É dizer, que “essa prática deve ser modificada o mais breve possível.” (FREINET apud SAMPAIO, 1989, p.80).

Por último e para as atitudes categorizadas com a cor vermelha, tais apresentam-se não benéficas dentro da prática pedagógica, de modo que “esse tipo de atitude é, às vezes, perigoso, por isso é preciso prudência e trabalho para que seja modificado.” (FREINET apud SAMPAIO, 1989, p.80).

Freinet assim agrupou as trinta invariantes:

Do grupo 1 - Sobre a natureza da criança:

Invariante no. 1: A criança e o adulto têm a mesma natureza.

Invariante no. 2: Ser maior não significa necessariamente estar acima dos outros.

Invariante no. 3: O comportamento escolar de uma criança depende de seu estado fisiológico e orgânico, de toda sua constituição.

Do grupo 2 - Quanto às reações das crianças:

Invariante no. 4: A criança e o adulto não gostam de imposições autoritárias.

Invariante no. 5: A criança e o adulto não gostam de uma disciplina rígida, quando isso significa obedecer passivamente a uma ordem externa.

Invariante no. 6: Ninguém gosta de fazer determinado trabalho por coerção, mesmo que, em particular, ele não o desagrade. Toda atividade coerciva é paralisante.

Invariante no. 7: Todos gostam de escolher seu próprio trabalho, mesmo que a escolha não seja a mais vantajosa.

Invariante no. 8: Ninguém gosta de trabalhar sem objetivo, atuar como máquina, sujeitando-se a rotinas nas quais não participa.

Invariante no. 9: É fundamental a motivação para o trabalho.

Invariante no. 10: É preciso abolir a escolástica.

Invariante no. 10 (a): Todos querem ser bem sucedidos. O fracasso inibe, destrói o ânimo e o entusiasmo.

Invariante no. 10 (b): Não é o jogo que é natural na criança, mas sim o trabalho.

Do grupo 3 - Sobre as Técnicas educativas:

Invariante no. 11: Não são a observação, a explicação e a demonstração (processos essenciais da escola) as únicas vias normais de aquisição de conhecimento, mas a experiência tateante, que é uma conduta natural e universal.

Invariante no. 12: A memória, tão preconizada pela escola, não é válida, nem preciosa, a não ser quando está integrada no tateamento experimental, onde se encontra verdadeiramente a serviço da vida.

Invariante no. 13: As aquisições não são obtidas pelo estudo de regras e leis, como as vezes se crê, mas sim pela experiência.

Invariante no. 14: A inteligência não é uma faculdade específica, que funciona como um circuito fechado, independentemente dos demais elementos vitais do indivíduo, como ensina a escolástica.

Invariante no. 15: A escola cultiva apenas uma forma abstrata de inteligência, que atua fora da realidade viva, fixada na memória por meio de palavras e ideias.

Invariante no. 16: A criança não gosta de receber lições “ex-cathedra”.

Invariante no. 17: A criança não se cansa de um trabalho funcional, ou seja, que atende aos rumos da vida.

Invariante no. 18: A criança e o adulto não gostam de serem controlados e receber sanções. Isso caracteriza uma ofensa à dignidade humana, sobretudo se exercida publicamente.

Invariante no. 19: As notas e classificações constituem sempre um erro.

Invariante no. 20: Fale o menos possível.

Invariante no. 21: A criança não gosta de sujeitar-se a um trabalho em rebanho. Ela prefere o trabalho individual ou de equipe em uma comunidade cooperativa.

Invariante no. 22: A ordem e a disciplina são necessárias na aula.

Invariante no. 23: Os castigos são sempre um erro. São humilhantes, não conduzem ao fim desejado e não passam de um paliativo.

Invariante no. 24: A nova vida da escola supõe a cooperação escolar, isto é, a gestão da vida e do trabalho escolar pelos que a praticam, incluindo o educador.

Invariante no. 25: A sobrecarga das classes constitui sempre um erro pedagógico.

Invariante no. 26: A concepção atual dos grandes conjuntos escolares conduz professores e alunos no anonimato, o que é sempre um erro e cria sérias barreiras.

Invariante no. 27: A democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas.

Invariante no. 28: Uma das primeiras condições da renovação da escola é o respeito à criança e, por sua vez, a criança ter respeito aos seus professores; só assim é possível educar dentro da dignidade.

Invariante no. 29: A reação social e política, que manifesta uma reação pedagógica, é uma oposição com a qual temos que contar, sem que se possa evitar ou modificá-la.

Invariante no. 30: É preciso ter esperança otimista na vida.

3.2 – Invariantes: sobre a natureza da criança

Com o enfoque no grupo 1 ao qual corresponde os invariantes no. 1, no. 2 e no. 3 apresento os detalhes que compõem cada uma delas.

O invariante no. 1, traz a perspectiva da criança e do adulto compostos e dispostos pela mesma natureza e essência. É dizer segundo Imbernón (2012, p.54), que para Freinet, a diferença que se estabelece entre adulto e criança é essencialmente de grau e não de natureza.

A criança se nutre, sente, sofre, busca e se defende como vocês, só que em ritmos diferentes que procedem da sua debilidade orgânica, ignorância, inexperiência e também de seu imensurável potencial de vida [...] ela vive seguindo exatamente os mesmos princípios que vocês.

Dentro desta perspectiva, Freinet também utiliza a analogia da árvore para aproximar-nos ainda mais desta natureza em comum, pois vê a criança como uma árvore que ainda em processo de crescimento e desenvolvimento, necessita cuidados, se nutre, cresce e se defende numa marcha exatamente igual comparado a uma árvore adulta. É possível visualizar ao que corresponde esta concepção da criança como um ser e um indivíduo, que composto por todas as complexidades e subjetividades de ser humano, vem a requerer e ocupar desde a infância um espaço de sujeito, com vistas a sua consideração, sua individualidade e o seu respeito.

Conceber a criança a partir desta compreensão e desde a mais tenra idade, é aportar aos adultos a incumbência de garantir-lhes seu direito à liberdade, ao cumprimento dos seus direitos como pessoa e cidadã e ademais proporcionar-lhes as propícias condições ao seu pleno desenvolvimento e aos estímulos das suas potencialidades.

TESTE - Invariante no. 1	
Coloco-me na situação da criança e não trato com menos consideração do que os adultos.	Verde
Não faço nada se a criança for discriminada.	Amarelo
A criança é um embrião de um homem e, portanto, está subordinada à vontade do adulto que deve endireitá-la.	Vermelho

Fonte: IMBERNÓN, 2012, p. 55.

Segundo Imbernón (2012, p.55) no invariante no. 2, o qual vem a complementar o primeiro, e a dizer que ser maior não significa necessariamente estar acima dos outros; Freinet relaciona os princípios da igualdade, da dignidade e do respeito mútuo, entre adultos e crianças e na correlação entre professor e aluno.

A partir deste invariante, Freinet traz-nos a perspectiva de que ser maior em estatura e/ou com mais idade, não nos coloca numa posição de superioridade e de domínio sobre e na

relação com a criança. Pelo contrário, este ainda nos sugere, que como educadores, eliminemos as barreiras que hajam e que se entrem na relação entre professores e alunos.

À princípio e a sugerir pela eliminação da barreira material que eram os estrados nas salas de aula; ainda hoje, podemos corresponder-lhes esta barreira como sendo a mesa do professor. Esta que num lugar à frente e distinto dentro de um ambiente comum que é a sala de aula, parece estar apartada e dando ares de um limite entre o espaço que é do professor e outro que cabe ao aluno.

É de se dizer, que tal afastamento não corresponde as condições mais propícias para que os alunos se sintam pertencentes a este espaço ou de que possibilite estabelecer uma relação de igualdade para com o professor. Fato que contribuiria significativamente para com um bom clima dentro da sala de aula, para um sentido maior de pertencimento, para uma boa e recíproca relação entre estes e, ademais, de uma relação direta e positiva entre a assimilação de conteúdos e do processo de aprendizagem em si.

TESTE - Invariante no. 2	
Não tenho estrado e utilizo a mesa para colocar coisas.	Verde
Tenho estrado, mas a mesa está fora dele, na altura das crianças.	Amarelo
Tenho estrado com a mesa mais alta e utilizo de forma assídua.	Vermelho

Fonte: IMBERNÓN, 2012, p. 58.

Ainda segundo Imbernón (2012, p.59) e dentro desta perspectiva, o invariante no. 3, traz-nos a inter-relação do comportamento escolar de uma criança a depender de seu estado fisiológico e orgânico e de toda a sua constituição. Assim, Freinet vem a atribuir e corresponder ao estado de saúde da criança, a sua influência e a sua predisposição ou não, para que aprenda.

É, portanto, admitir e afirmar que as condições externas a escola, ou seja, aos fatores que dizem respeito ao contexto e sobre quais condições a criança vive ou encontra-se, influenciaram diretamente em todo o seu processo de aprendizagem.

Assim, e dadas as circunstâncias, nós como educadores precisamos ter e cuidar de sempre considerar o contexto integral, o qual compõe, relaciona e constitui o desenvolvimento do aluno. Este que responderá a partir da sua disposição, do seu comportamento, das suas dificuldades e dentro das suas possibilidades, de um ponto em que suas necessidades básicas, não só de saúde física, mas também de saúde mental e saúde social, estejam sendo satisfatoriamente ou até minimamente consideradas e atendidas.

Um grande e determinante fator para que uma criança, um aluno, estejam consideravelmente aptos a aprender, passa por considerar e a depender da sua saúde na infância, à qual corresponde a satisfação das suas necessidades e particularidades.

TESTE - Invariante no. 3	
Levo em conta o contexto dos meus alunos.	Verde
Considero às vezes a importância do contexto.	Amarelo
Todas as crianças são iguais, não importa a situação.	Vermelho

Fonte: IMBERNÓN, 2012, p. 60.

Ao concluir esta breve análise e ao considerar o grupo 1 dos invariantes sobre a natureza da criança, é possível perceber o quanto Freinet se dedicou, e priorizou sua luta pelas crianças, pela educação e pela escola; através de práticas e de princípios que correspondem essencialmente ao respeito à criança, a sua natureza, a integralidade de seu desenvolvimento e ao estímulo do seu vir a ser.

4. CONCLUSÃO

Da descoberta ao conhecimento, do início dos estudos ao aprofundamento da pedagogia de Célestin Freinet, dos aspectos que à diferenciam e também me inspiraram logo no primeiro contato, fui tecendo e introduzindo durante a escrita deste trabalho monográfico, que teve como intuito principal à análise das práticas e técnicas pedagógicas desenvolvidas por Freinet, a luz do encontro com meu memorial de história da vida acadêmica e as concepções freinetianas que se fizeram presentes ao longo deste percurso.

As etapas que constituíram a elaboração deste trabalho, transcorreram entre a decisão do tema geral, da escrita da minha história e percurso de vida acadêmica, à escolha das obras de referência do autor Célestin Freinet, que nortearam e me permitiram seguir para a reflexão crítica, ao desenvolvimento e a argumentação da temática escolhida.

Durante este processo, os Invariantes Pedagógicos de Freinet foram o meu tema central, os quais por apresentarem-se como parâmetros referenciais, que permitem ao educador auto avaliar-se e ainda estabelecer os ajustes necessários dentro da sua própria atuação e prática pedagógica, leva-os ademais, a repensar e a refletir criticamente sobre os contextos educacionais, e conseqüentemente, vir a contribuir com o rompimento a este modelo de educação tradicional que ainda segue posto e vigente.

Constatar a presença mesmo que até então, não nomeada e não designada à relação com a Pedagogia Freinet, ao longo da minha trajetória de vida escolar; me proporcionou e ainda reforçou a importante confirmação do quão possível e ainda necessário, é estabelecer ambientes educativos em prol de uma educação emancipatória, e sobretudo humanista. Cujos objetivos

estejam voltados para a vida e a ela abertos, num sentido condizente e integral entre o individual e o coletivo, e na indivisibilidade dos seres humanos como seres sociais e políticos.

Portanto, e para tanto, nos cabe e faz-se necessário que como educadores possamos recuperar a essência desta educação humanista. Num exercício de uma prática alicerçada fundamentalmente em princípios éticos que servem à vida e para a vida, e estruturada essencialmente no devir, através do próprio ser e do próprio fazer.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Adriana. **Escolas na Espanha:** como são, quanto custam e como matricular seu filho. Euro dicas, 2021. Disponível em: <https://www.eurodicas.com.br/escolas-na-espanha/>. Acesso: 25 maio de 2021.

FORTUNATO, Ivan. **Porque a pedagogia de Célestin Freinet ainda é atual.** RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 12, n. esp. 1, p.542-545, 2017.

FREINET, Célestin. **Os Invariantes Pedagógicos.** Tradução: Ruth Joffily. Editora: François Maspéro, 1969.

_____. **A saúde mental da criança.** Tradução de Clara Felgueiras. Librairie François Maspéro, 1978.

_____. **Conselhos aos pais.** 2ª edição. Editora Estampa, 1974.

_____. **Para uma escola do povo:** guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. Tradução Eduardo Brandão. – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GVT Prado, R Soligo. **Memorial de formação:** quando as memórias narram a história da formação. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf. Acesso: 10 maio de 2021.

IMBERNÓN, Francisco. **Pedagogia Freinet:** a atualidade das invariantes pedagógicas / Francisco Imbernón. Tradução: Alexandre Salvaterra; revisão técnica: Maria Clara Bueno Fischer. – Porto Alegre: Penso, 2012.

PORRINO, R.C.Z.; SOUZA, V. C.; CARDOSO, P. R. M.B. BARROS, F.C.O.M. **Do ensino tradicional às técnicas de Freinet:** Reflexões sobre as práticas pedagógicas e o processo de humanização. Disponível em: http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2016/pdf/11_05.pdf. Acesso em: 03 nov. 2021.

SAMPAIO, Rosa. **Freinet Evolução Histórica e Atualidades.** Editora Scipione, 1989.